

Mariri e Cabi – Mistérios e misuras nos relatos dos ribeirinhos do Baixo Amazonas

Por Afrânio Patrocínio de Andrade¹

Resumo

Esta comunicação se refere aos relatos de mistérios e misuras dos ribeirinhos do baixo Amazonas, especificamente no que diz respeito ao emprego da arte de “feitiçaria” envolvendo os cipós cabi roxo, cabi branco e cabi negrinho. Este último é diferente daqueles e conhecido apenas na região de Breves (PA). Procuro responder às perguntas: do que se trata? Quem se envolve neste assunto? Como alguém se envolve ou não se envolve? Com que finalidade? Com que meios alcançam seus objetivos? Onde se encontram estas pessoas e os cipós? Para responder a estas perguntas, viajei a diversos locais, encontrei as plantas e procurei me informar da história de cada uma delas nas comunidades locais, apresentando o resultado neste texto.

Palavras chave: Mariri, cabi, cura, mistérios, misuras

Abstract

This communication refers to the reports of mysteries and hauntings of the low Amazonian rivers, specifically regarding the use of the art of "witchcraft" involving purple cabi, white cabi and black cabi. The latter is different from those and is known only in the region of Breves (PARÁ). I try to answer the questions: what is it? Who gets involved in this matter? How does one get involved or not? For what purpose? By what means do they reach their goals? Where are these people and vines? To answer these questions, I traveled to various places, found the plants and tried to inform myself of the history of each one of them in the local communities, presenting the result in this text.

Key words: Mariri, cabi, healing, mysteries, hauntings

1. Introdução

Gostaria de me expressar nesta comunicação na primeira pessoa do singular, visto que se trata de uma abordagem pessoal e fruto de uma pesquisa de campo individual. Esta tem por objetivo, por um lado, expor outra maneira de trabalhar

¹ Pós-Doutor em Teologia (EST, 2016); doutor em Ciências da Religião (UMESP, 2000); doutor em Direito (UMSA, 2011); mestre em Ciências da Religião (UMESP, 1995); bacharel em Direito (USF, 1997), bacharel em teologia (EST, 2010); licenciado em Filosofia (Entre Rios, 2013); Complementação Pedagógica em Filosofia (FAVIX, 2014); especialização em Direito Civil (Tiradentes, 2000) e professor concursado na UNIFAP - Universidade Federal do Amapá, desde 2015. E-mail: afraniun@gmail.com.

com o cipó mariri (*Banisteriopsis caapi*) presente na região do baixo Amazonas e, por outro lado, tratar dos relatos de mistérios e misuras produzidos pelos ribeirinhos do baixo Amazonas, com base neste mesmo cipó, bem como no cabi branco e no cabi negrinho.

Esta pesquisa tem relevância por apresentar novos mistérios envolvendo, por um lado, o mesmo cipó mariri e, por outro lado, o cabi branco e o cabi negrinho, este, aparentemente não estudado até o momento. A temática já é conhecida, em parte, quando se trata do cabi roxo e do cabi branco. Ademais, Ducke pesquisou o cabi roxo e o cabi branco. O primeiro é utilizado para a produção da Ayahuasca, conforme ele mesmo assinala, fazendo constar que tal prática era ignorada até então no Pará². Por outro lado, quer-me parecer que o cabi branco é o que Ducke chamou de “cabi paraensis”.

Devo dizer que a pesquisa foi realizada com a técnica da observação participativa e da descrição, utilizando-se para tanto, entrevistas pré-configuradas abordando diretamente as pessoas de forma que pudessem produzir respostas bem descontraídas, as quais foram gravadas e reduzidas a escrito, depois de selecionada a parte que me interessa para esta comunicação.

2. As tradições do cabi

Tais tradições tem seu lugar na Região do baixo Amazonas (mapa anexo), conforme se vê amiúde no texto de Albuquerque, em especial, referindo-se ao seu uso na cura e nos trabalhos de feitiçaria.³ Esta região inicia-se em Santarém e vai até a foz do Rio Amazonas no Oceano Atlântico. O uso do cabi acontece nas duas margem do rio e em suas muitas ilhas ao longo de aproximadamente mil e quatrocentos quilômetros. Participam desta prática milhares de pessoas, utilizando-se de diversos tipos de saberes populares.

Entretanto, em minha pesquisa encontrei pessoas que não participam desta tradição mas a respeitam. Argumentam que o fazem por se tratar de um mistério ou melindre. Em outros casos, por se tratar de um tabu, já que somente determinadas pessoas detém o conhecimento sobre tais práticas. Ademais, encontrei pessoas que narraram histórias de quem tentou atropelar os efeitos dos feitiços do cabi, entrando em um quintal ou enfrentando as assombrações ou misuras. Procurei tais pessoas, mas elas evitam falar sobre a experiência de assombro ou surra, posto que esta seria uma maneira de se identificar na comunidade como ladrão ou invasor.

Constatei que de fato existe na região do baixo Amazonas uma tradição diferente da que se conhece na região que vai do médio Amazonas aos Andes, relativamente ao uso do cipó mariri, aqui conhecido com o nome de cabi roxo.⁴ Esta palavra “cabi” consiste na corruptela de “caapi”, termo este que entra na

² DUCKE, “O cabi do Pará”, p. 14.

³ ALBUQUERQUE, **Modalidades de usos e saberes do cipó Cabi**, p.211.

⁴ Embora me pareceu que, por se tratar de uma corruptela do termo caapi, dever-se-ia escrever “caabi”, a leitura do texto de Ducke me convenceu de que a escrita correta deve ser cabi, até por que, a pronúncia se dá com apenas uma vogal “a”, da mesma forma que se pronuncia “capi” e não “caapi”.

composição do nome científico do cipó. Assim, os termos mariri e caapi são desconhecidos no baixo Amazonas, que utiliza invariavelmente o nome cabi.

Pelos estudos de Ducke e ALBUQUERQUE, há duas variedades de cabi: o branco e o roxo (ou vermelho). Segundo alguns membros das comunidades pesquisadas, deve-se utilizar somente o roxo nas práticas mencionadas. Segundo outros pesquisados, qualquer um dos cipós produz o mesmo efeito, quando se quer guarnição para a casa, banhos ou quebrar panema.

Além destas duas variedades, especificamente na região de Breves, que se situa a sudoeste da Ilha do Marajó, no Pará, existe uma terceira linhagem, a do “cabi negrinho”, cujas características diferem das apresentadas por Ducke para o “cabi paraensis” ou cabi branco⁵. Além disto, este cipó sequer se parece com o cabi roxo (veja imagem abaixo). Este termo “negrinho” se refere à lenda do “negrinho” wur, segundo dizem, aparece ao invasor do seu terreiro.

3. Meu encontro com o cabi

Desde que cheguei em Macapá há dois anos, fiz incursões pela floresta em busca de mariri e chacrona (*Psychotria viridis*), visando o preparo do chá Ayahuasca. Encontrei cinquenta e seis pés de mariri. Consta do IMAP - Instituto do Meio Ambiente e de Ordenamento Territorial do Amapá que existe este cipó na região do Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque, região esta cujo acesso a particulares está proibido. Chamou-me a atenção o fato de todos os cipós que localizei terem sido plantados por alguém e se acham ou se achavam em um terreiro, isto é, ao lado ou nos fundos de uma casa.

Devo acrescentar que a residência dos ribeirinhos desta região apresenta algumas características que devem ser levadas em consideração nesta comunicação. Classifico-as em dois grupos. O primeiro compreende as residências ao longo dos rios. Nestes casos, após a casa segue-se uma pequena horta, muitas vezes plantada na biqueira da casa, depois vem a roça de macaxeira, bananeiras e alguns cereais como milho. Todo este complexo é o que podemos chamar de terreiro. Depois deste, vem a lavoura perene: açajal, por exemplo. No segundo grupo tem-se as residências na terra seca ou “terra grande”, como dizem. A disposição das plantas é a mesma, mas em volta da casa e não somente no lado oposto ao rio ou igapó. Em ambos os casos, o cabi é plantado e curado no espaço do terreiro.

Os pés de cabi que se encontram na floresta foram, também, plantados em épocas remotas. Tanto é assim que todos eles se acham ou se achavam em região de antigas habitações, normalmente próximos de alguma via fluvial. Este é o caso, por exemplo, do cabi que se encontra na região de Mazagão Velho, no Amapá. Destes, trinta e dois foram colhidos por segmentos religiosos que atualmente se acham instalados na região metropolitana de Macapá para o preparo do chá conhecido como Daime ou Vegetal. Em minha pesquisa, constatei que nenhum daqueles cipós foi plantado para se fazer chá. Eles foram plantados para três finalidades: a) expulsar espíritos do mal; b) fazer remédio

⁵ DUCKE, “O cabi do Pará”, p. 15, 16 e 17.

contra picada de insetos e de animais peçonhentos e c) fazer banho contra panema.

Mais importante ainda: a maioria destes cipós pertence ao grupo dos cipós curados, isto é, que receberam mais de uma porção de sangue, em uma espécie de "batismo". Observei, ao me encontrar com o cabi roxo, que todos os cipós curados não geraram filhos, ou pelo menos não os encontrei. Albuquerque, referindo-se à cura do cipó, nos diz que:

Entretanto, para que o cipó atue como forma de proteção, ele precisa ser "curado". Esta cura pressupõe, em geral, colocar no pé da planta uma cuia de cachaça e ainda água de carne. Tal fato instiga à constituição de um imaginário rico em histórias de pessoas que, passando em frente ao cipó, dizem ver certos vultos, visagem ou assombrações entre as suas folhas.⁶

Em minha pesquisa, encontrei os relatos sobre diversos tipos de se curar o cipó, sendo que, quando se quer produzir a proteção da casa, não basta colocar cachaça e água de carne lavada no pé do cabi. Deve-se proceder à cura com cachaça, determinado tipo de sangue, em determinados dias, utilizando-se igualmente determinadas palavras. Procedendo-se segundo tal "receita", obtém-se mais do que simples vultos, a presença de seres que assombram ou, até mesmo, surram o invasor.

E isto porque, quando são curados para proteção, o curador diz ao cipó determinadas palavras que servem de guia ao fim que com ele se pretendem. Assim, existem três tipos de cura: a) para expulsão dos espíritos do mal; b) para preparação de remédio e c) para fazer banho contra panema.

4. O cabi curado

Um cabi curado apresenta evidências externas na relação com os seres humanos. De fato, todos eles são plantados na proximidade da casa. Todos eles, quando grandes, assobiam. Isto é, emitem o som de um assobio, semelhante ao de uma pessoa, quando deles se aproxima qualquer estranho. Este assobio é um aviso. Se a pessoa se aproximar, ele se manifesta para ela como um gigante, quase sempre negro, mas não necessariamente. Em alguns casos, se apresenta como um negrinho. Às vezes se manifesta como uma onça ou com uma pessoa de feição muito feia que faz o estranho fugir. Caso não fuja, a figura aplica-lhe um castigo que vai desde um susto até uma surra. Por isto, esse cipó é temeroso na região. Vamos a cada um destes três aspectos.

Em primeiro lugar, os espíritos que se expulsam com o cabi não são espíritos desencarnados. São pessoas que desejam roubar a casa ou os pertences do morador. Ou, ainda, pessoas que pretendem fazer algum mal à família. Quem tem um cabi curado para proteção no quintal usa-o como seu guardião, podendo deixar sua casa aberta que ninguém nela penetra sem autorização do dono. Devo acrescentar que, no caso do cabi negrinho, ocorre também a prisão do

⁶ ALBUQUERQUE, *Modalidades de usos e saberes do cipó Cabi*, p.211.

invasor. Isto é, a pessoa que entra em um ambiente que se encontra protegido por esta planta, fica perdida, presa ou “amarrada” no terreiro até o dono chegar e liberar a pessoa. Segundo me narrou a dona Rita, que mora na margem direita do rio Arapijó, afluente à direita do rio Curuacá, em Breves (PA), o pai dela, senhor José Maria, amarrou um invasor por quase uma semana, utilizando-se deste recurso, com um pé de cabi negrinho plantado em seu terreiro.

Em segundo lugar, quanto à cura para preparação de remédio, disseram-me que se trata da “medicina da floresta”, utilizada contra picada de animais peçonhentos e problema de pele. Colhi depoimento de dez pessoas, sendo duas em Mazagão Novo, três em Mazagão Velho, três na Ilha do Pará e duas em Uraçá. Estas me informaram que o cabi está deixando de ser assim utilizado e que tal se deve ao fato de se ter inserido farmácias nestes locais ou próximo deles. Bem por isto, está-se perdendo a tradição de uma pessoa mais velha (pai ou mãe ou avós) passar a titularidade do pé de cabi curado para o seu filho ou filha ou netos. E pelo jeito faz muito tempo que isto está acontecendo, dado que as farmácias chegaram na região lá pela década de 1960. Uma senhora de nome Eudícia, em Mazagão Velho, me disse que, “desde que trouxeram a farmácia para cá as pessoas não querem mais ser medicadas com cabi”.

Em terceiro lugar, temos os banhos para panema ou panemeira. Panema nesta região é um termo genérico que significa: azar ou má sorte na pescaria, na caçada, no casamento, nos negócios e na vida em geral. Sabe-se que uma pessoa está com panema quando, por exemplo, vai caçar com outra pessoa várias vezes e somente a outra pessoa mata a caça. Para este mal utiliza-se ou a pimenta malagueta, ou o limão galego, com um ritual próprio. Nos casos mais extremos, utiliza-se o banho de cabi. O banho é feito com nove folhas de cabi e nove folhas de Mucuracaá (*Petiveria alliacea*). Tratando-se de cabi curado, deve-se dirigir-se a ele e pedir-lhe as nove folhas. O mesmo procedimento deve ser feito com o mucuracaá, ainda que este não seja curado. Deve-se tomar o banho sem sabão industrializado. Este banho não é para limpeza do corpo. Ele se destina à limpeza da aura da pessoa. Depois do banho, leva-se a água coletada da bacia e a joga na água corrente. Ai a pessoa está curada da panema.

Segundo todos os informantes, as misuras ou assombrações que emanam do cabi curado só cessam se cortar o cipó, ou depois de muitos anos, quando já não existir mais sinais de casa no local. Por isto, não raro, corta-se o pé de cabi depois da morte do seu curador, desde que não tenha ficado alguém para cuidar do cabi. Isto porque, o curador, de vez em quando deve ofertar um pouco de sangue ao cabi. Caso contrário, o cabi passa a assombrar inclusive o curador. Por isto, diz-se que o cipó é melindroso, pois requer tratamento personalizado. Em alguns casos, deve-se cortar o cipó depois que todos os filhos se casaram. Isto porque, se na casa houver alguma jovem, o cipó a garante enquanto for solteira. Assim, o cipó pode ser cortado quando já tenha “cumprido a sua tarefa de guardião do terreiro”, ou protetor da filha moça.

Deve-se ainda acrescentar que, enquanto a mulher não chegar à menopausa, o cipó que ela curar produzirá muito mais vigor que os que forem curados por homens ou por ela mesma depois desta fase, quando “vira homem” ou seja, deixa de menstruar. Todas as curandeiras me disseram que o cabi roxo que existe na região acima indicada foi trazido de fora, sendo que ninguém soube

indicar lugar algum que fosse além das ilhas do Pará, o que não dá precisão alguma, posto que existem centenas de ilhas nesta região. E todas as pessoas que não são curandeiras se abstiveram de falar sobre o cabi, alegando respeito, temor e até medo das assombrações e misuras.

Por fim, devo dizer que três das senhoras ditas feiticeiras me ensinaram a curar o cabi e outras plantas, mas todas me pediram para não publicar as palavras que são ditas durante a cura nem o tipo de material utilizado, para não “perder a força”. Por isto, estou empenhado em comprar um pequeno sítio e eu vou plantar alguns pés de cabi e vou fazer a cura deles. O mesmo procedimento farei com cerca de uma dezena de plantas que também são curáveis. Dependendo do resultado obtido, espero poder retornar para nova comunicação, ou, quiçá, com o convite para que os leitores venham visitar o meu sítio e conhecer as plantas curadas e seus efeitos.

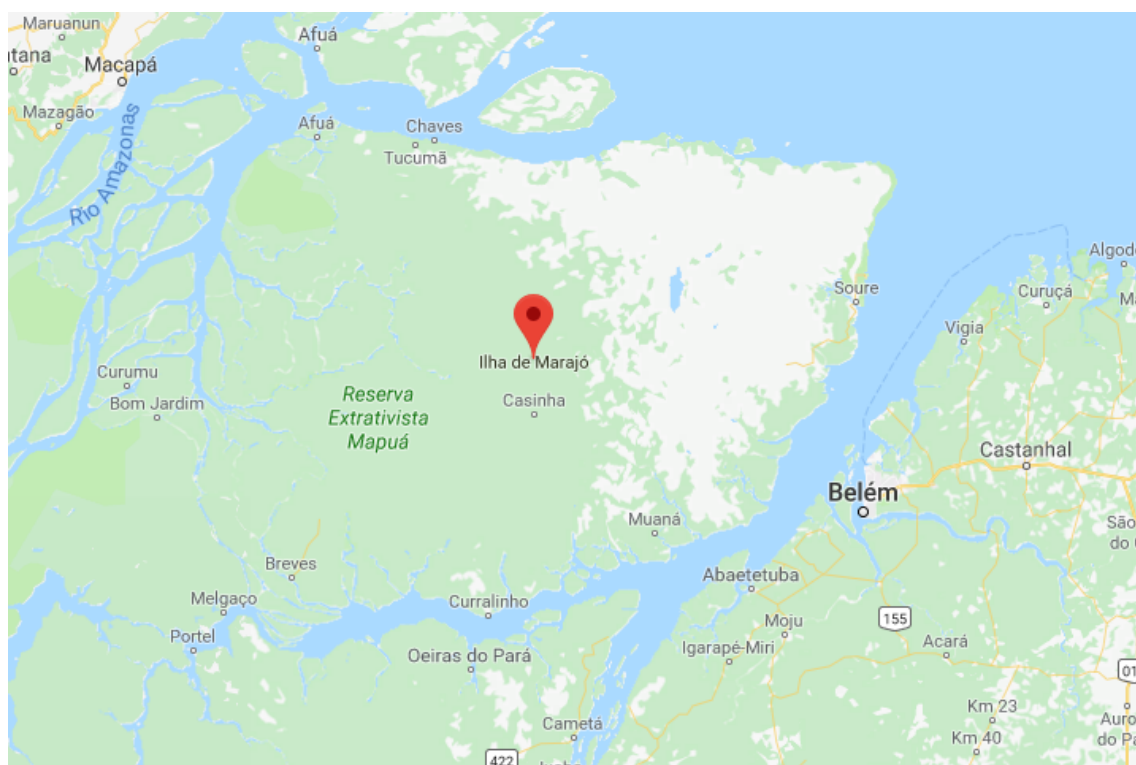
Referências

ALBUQUERQUE, Maria Betânia Barbosa. **Modalidades de usos e saberes do cipó Cabi**. SÆCULUM - Revista De História [27]; João Pessoa, jul./dez. 2012, p. 195ss. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/srh/article/view/16438>. Acesso em 25 de agosto de 2018.

DUCKE, Adolfo. “**O cabi do Pará**”. Arquivos do Serviço Florestal. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, nov. 1943, p 13-17. Disponível em <<http://herbarium.lsa.umich.edu/malpigh/MALPpdf/Arq-Ducke1943.pdf>>. Acesso em 25 de agosto de 2018.

Anexos:

1. – Mapa da Região do Baixo Amazonas



2. Imagens de cabi

- a) Cabi Curado – Em Mazagão Velho (AP)
Fev/2018 – Imagem do autor



b) Muda de Cabi negrinho – Breves (PA)
Jul/2018 – imagem do autor



c) Cabi branco para banho – Mazagão Novo (AP)
Abr/2018 – Imagem do autor

